

O QUE VOCÊ
PRECISA SABER SOBRE
ESPOROTRICOSE



SAÚDE



1. INTRODUÇÃO

A esporotricose é uma micose de evolução subaguda ou crônica causada, na maior parte dos casos, por implantação traumática do fungo do complexo *Sporothrix schenckii* na pele, acometendo animais e seres humanos.

O fungo é, geralmente, encontrado no solo, cascas de árvores, vegetais e materiais em decomposição.

2. MODO DE TRANSMISSÃO



A transmissão ocorre através da inoculação direta do fungo na pele por meio de traumas durante atividades de trabalho ou de lazer que tenham relação com o solo ou plantas, ou por contato com animais doentes.

Conhecida como “**Doença do jardineiro**” ou “**Doença da roseira**”, a esporotricose costumava ocorrer predominantemente em pessoas que manipulavam a terra, como jardineiros, trabalhadores rurais e pessoas em contato direto e constante com espinhos, lascas de madeiras e matéria orgânica em decomposição. Porém, nas últimas décadas, a ocorrência dessa micose tem aumentado em ambientes urbanos, de forma relacionada à transmissão zoonótica, ou seja, por

meio da arranhadura ou mordedura de gatos infectados ou do contato com secreção das lesões desses animais, sem a dependência da agressão do animal.

Os gatos adquirem o fungo facilmente do ambiente por meio do hábito de afiar as unhas em troncos de árvores e cavar buracos para cobrir excrementos com terra, ou em brigas com outros gatos por alimentos e disputas por território ou acasalamento.

A espécie felina é a principal envolvida na transmissão zoonótica da esporotricose e também a mais sensível à infecção, apresentando grandes quantidades de células fúngicas em suas lesões. É comum a presença de fungos nas unhas e na cavidade oral dos gatos, o que facilita a transmissão a outros animais e ao homem.

3. PERÍODO DE INCUBAÇÃO

Gatos: em média 21 dias, com variação de 3 a 84 dias.

Humanos: em média 14 dias, com variação de 3 a 30 dias, mas pode estender-se por meses. O período de incubação é menor quando a fonte de infecção é o gato contaminado e maior quando a contaminação ocorre pelo contato com vegetais e/ou com o solo.

4. MANIFESTAÇÕES CLÍNICAS

EM GATOS:

A doença ocorre mais frequentemente em machos jovens em idade reprodutiva, criados soltos ou semi domiciliados, e é caracterizada por lesões nodulares que podem ulcerar, ser únicas, múltiplas e/ou disseminadas, com envolvimento de mucosas. Geralmente, as lesões ocorrem nas regiões da cabeça, face, membros e cauda, locais mais atingidos durante as brigas, podendo haver comprometimento nasal e sinais respiratórios como espirros e secreção nasal.

Podem também ser observadas formas clínicas com acometimento sistêmico, falta de apetite, desidratação e perda de peso, de difícil tratamento e, muitas vezes, com evolução para o óbito do animal.

EM CÃES:

A infecção costuma ficar restrita à pele e ao tecido subcutâneo, sem acometimento sistêmico. O cão é contaminado no contato com o gato doente e não transmite a doença a outros animais ou humanos. A espécie canina não é considerada de importância epidemiológica na transmissão da esporotricose zoonótica.

NO HOMEM:

As lesões costumam ser restritas a pele, tecido subcutâneo e vasos linfáticos adjacentes, após inoculação traumática do fungo, iniciando como um pequeno nódulo avermelhado no local que pode evoluir para úlceras e abscessos, e formar um cordão de nódulos próximos. Embora a micose possa exibir um quadro clínico dermatológico exuberante, em raras ocasiões pode afetar outros órgãos, ou ainda ser primariamente sistêmica. Geralmente, a doença apresenta manifestações mais críticas em pacientes imunocomprometidos. O custo indireto é social, pelo sofrimento durante a doença ativa e pelo aspecto desagradável das lesões cicatriciais.

5. DIAGNÓSTICO

- **Laboratorial:** Identificação do fungo das lesões – *imprint* para exame citopatológico e cultura do fungo.
- **Clínico-epidemiológico:** Quadro clínico compatível com esporotricose e história de vínculo epidemiológico.

6. TRATAMENTO

A doença tem tratamento, tanto para animais quanto para o homem, realizado com uso de antifúngicos orais, sendo o Itraconazol o medicamento de escolha. O tempo de tratamento é variável, de acordo com o quadro clínico apresentado, sendo em geral de 4 a 6 meses para os gatos. O medicamento deve ser administrado diariamente, junto ao alimento úmido, na forma de sachês e patês. Há a possibilidade de associação e/ou uso de outros antifúngicos em casos mais graves e refratários.

No município do Rio de Janeiro, o atendimento clínico e o tratamento são gratuitos para os animais nas unidades de atendimento veterinário do IVISA-Rio, que são o Centro de Controle de Zoonoses Paulo Dacorso Filho (CCZ), em Santa Cruz, e o Centro de Medicina Veterinária Jorge Vaitsman (CJV), na Mangueira; e para as pessoas, nas clínicas de família e centros municipais de saúde.

7. MEDIDAS DE PREVENÇÃO E CONTROLE

- Tratamento e isolamento dos animais doentes – nunca abandonar um animal doente
- Guarda responsável – manutenção dos gatos domiciliados
- Castração dos felinos – evitar brigas e disputas no acasalamento
- Destinação correta dos cadáveres (cremação) – não enterrar o animal doente
- Uso de Equipamentos de Proteção Individual ao lidar com animais doentes, como luvas, máscaras e óculos
- Limpeza e desinfecção ambiental e de materiais – uso de hipoclorito a 1%
- Ações de educação em saúde – informações para a população



NOTIFIQUE AQUI:
bit.ly/NotifiqueEsporo

1746 CENTRAL DE ATENDIMENTO
Rio PREFEITURA